

VIVÊNCIA DA MORTE COM O ALUNO NA PRÁTICA EDUCATIVA ¹

Maria Dalva de Barros Carvalho ^{*}
Elisabeth Ranier Martins do Valle ^{**}

RESUMO

Investigar a morte, parte da existência humana, no contexto da educação na área da saúde pode se constituir um momento de humanizar o processo educativo e propiciar um agir autêntico, crítico, não rotineiro e criativo nas ações de enfermagem. É nessa perspectiva de compreensão da morte no cotidiano da relação aluno professor de enfermagem que foram ouvidos os professores para, através de seus discursos, de suas falas, captar os significados que possibilitem o desvelamento desse fenômeno. Foram entrevistados todos os professores da Disciplina de Fundamentos de Enfermagem II da Universidade Estadual de Maringá, PR. Essa escolha deve-se ao fato de que é através dessa disciplina que o aluno entra pela primeira vez em contato com o mundo do hospital e o seu cotidiano, a dor, o sofrimento e a morte. A obtenção dos discursos, visando ao fenômeno a ser desvelado, foi norteada pela questão norteadora: o que significa vivenciar a morte no cotidiano da relação aluno-professor. O fenômeno se revelou uma vivência solitária, uma vivência que acontece a cada um dos professores, que se torna um fardo difícil de carregar mas não impossível de esconder e abafar. Esse ocultamento se manifesta sob a forma da não verbalização, da não discussão. Não falar sobre a morte na relação ensino-aprendizagem é o usual entre os docentes. Essa forma de ocultamento muitas vezes se mostra como uma armadura, uma carapaça de proteção. Mas também se revela um empecilho para uma formação mais humanizada, voltada para a compreensão do ser existente no seu mundo.

Palavras-chave: Morte. Relação aluno-professor. Ensino.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, inúmeros trabalhos abordando a morte têm sido publicados na área da saúde. São trabalhos que envolvem as relações entre os pacientes terminais e os profissionais da área da saúde, principalmente médicos e enfermeiros. Essas pesquisas surgem como uma tentativa de recuperar a humanidade do atendimento à saúde. Outros trabalhos tratam da morte na formação dos profissionais da saúde (ZAIIDHAFT, 1990; BOHEMER, 1991; KOVACS, 1992). O enfoque dado à morte representa na realidade respeito à vida, e conseqüentemente um resgate do humanismo nas relações entre cliente e profissionais da área da saúde.

Investigar a morte, parte da existência humana, no contexto da educação na área da saúde pode se constituir um momento de humanizar o processo educativo e propiciar

um agir autêntico, crítico, não rotineiro e criativo nas ações de enfermagem.

A tentativa de compreensão de aspectos de natureza tão subjetiva levou à procura de novas vertentes, novas perspectivas de olhar para essa temática, objeto de preocupação.

Nessa caminhada, entrou-se em contato com a fenomenologia, uma linha de pensamento que trata das questões inerentes ao homem, dentre elas a morte. Através da fenomenologia busca-se a compreensão do que significa para o docente enfermeiro o vivenciar a morte com o aluno na prática educativa no cotidiano hospitalar, ouvindo o seu discurso, a fala originária que mostra a experiência como ela é vivida.

No cotidiano da relação aluno professor em ambiente hospitalar, a morte se apresenta como um fato que ocorre junto a outros fatos. Entende-se, porém, que a morte na situação da

¹ Extraído da Tese de Doutorado “Sendo-com-o-aluno-no-mundo-da-enfermagem: a morte no cotidiano do hospital”, apresentada à EERP-USP em março de 1999.

^{*} Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá, PR.

^{**} Psicóloga. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem da USP, campus de Ribeirão Preto.

aprendizagem, na formação do enfermeiro, é matriz geradora de conflitos, de estresse que interferem negativamente na relação educativa. Por outro lado, ela pode fornecer condições que propiciem uma formação mais humanizada do profissional enfermeiro.

Para dar sentido, tornar inteligível a morte nesse contexto foi preciso apreender o significado que ela tem para as pessoas que a vivenciam, e nesse caso especificamente o professor. Optou-se em trabalhar apenas com o docente, por entender que a figura do professor, em uma situação de morte no cotidiano do hospital junto ao aluno, é de maior responsabilidade, de maior destaque. Geralmente se espera do professor, por ser mais velho, ter mais maturidade, mais experiência, um agir mais equilibrado, ser emocionalmente estável. Um agir que possa evitar conflitos, e que de alguma maneira prepare o aluno para o enfrentamento das questões como a morte.

Também na relação aluno professor a figura deste último se reveste de um caráter de maior responsabilidade, daquele que deve conduzir essa relação por um caminho mais brando, mais equilibrado e mais satisfatório, de modo a atingir um conviver sadio e eficaz, capaz de proporcionar a verdadeira ação educativa, ou seja, de “tirar de dentro”.

É nessa perspectiva de compreensão da morte no cotidiano da relação aluno professor de enfermagem que foram ouvidos os professores para, por meio de seus discursos, de sua fala, captar os significados que possibilitaram o desvelamento desse fenômeno.

METODOLOGIA

A opção pela trajetória fenomenológica para investigar a morte no âmbito educacional, antes mesmo que uma opção manifestou-se quase como uma imposição, no sentido de vir ao encontro da postura frente ao mundo, da visão de mundo que se detém. A inquietação frente ao fenômeno morte nesse contexto, no cotidiano educacional, foi tomando contornos de perplexidade, levando a um interrogar, a um olhar atento, a uma reflexão que foi permitindo visualizá-lo de uma forma aberta, sem o objetivo das soluções imediatistas.

Para este estudo, optou-se por entrevistar os professores da Disciplina de Fundamentos de Enfermagem II da Universidade Estadual de Maringá, PR. Essa escolha deve-se ao fato de que é por essa disciplina que o aluno entra pela primeira vez em contato com o mundo do hospital e o seu cotidiano, a dor, o sofrimento e a morte.

Deste modo, a obtenção dos discursos dos professores, visando ao fenômeno a ser desvelado, foi norteadada pela questão orientadora: o que significa para você vivenciar a morte no cotidiano da relação aluno-professor.

As vivências, para serem compreendidas, precisam ser descritas como se apresentam na experiência vivida. Deste modo, a entrevista fenomenológica não pode estar fundamentada em idéias direcionadas para determinados fins, pois o que se persegue não é um saber sobre o sujeito, mas sim um saber do sujeito.

A entrevista nessa modalidade se revela quase como um diálogo, em que a empatia, a inter-relação, a confiança, o interesse são elementos indispensáveis. Só assim é possível compreender a partir do tempo e do espaço do sujeito, compreender de que forma a pessoa significa a si mesma para si, em sua interioridade e ipseidade (CARVALHO, 1987).

A análise das descrições obtidas dos professores passa por quatro momentos, segundo Martins, Bicudo (1989): a) uma leitura atenta completa das descrições, tendo por objetivo a apreensão global de seu sentido. Aqui ainda não se busca qualquer interpretação, apenas o sentido geral expressado pelo sujeito. É às vezes necessário reler as descrições várias vezes, para familiarizar-se com elas e compreender o que o sujeito desejou falar. Para tanto, a) deve-se procurar colocar-se em seu lugar, para não ser apenas um espectador, mas alguém que procura os significados atribuídos pelo sujeito; b) uma vez apreendido o sentido de cada descrição, há que se voltar para os discursos, agora já procurando obter as unidades de significado dentro da perspectiva do pesquisador. Essas unidades são conseguidas quando os discursos passam por um processo que configura momentos diferenciados, mas entre si solidários e cumulativos. Esses

significados existem para o pesquisador que está questionando; são desse modo respostas a sua interrogação original. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 1989); c) obtidas as unidades de significado, uma releitura é feita, buscando apreender o significado que está contido nelas. Essas unidades, partes da descrição, revelam momentos distinguíveis na totalidade da descrição. São atingidas pelas reflexões e variações imaginativas, porque as descrições dos sujeitos expressam realidades múltiplas que o pesquisador deseja desvelar e d) o próximo passo é a busca das convergências e das divergências de todas as unidades de significado das entrevistas, com o objetivo de tematizar ou categorizar o fenômeno. Essa categorização do fenômeno se dá por intermédio da fala dos sujeitos e não por abstrações ou formalizações. Cada sujeito percebe o fenômeno a partir de sua perspectiva, possibilitando ao investigador várias visões do fenômeno. Essas visões, no cruzamento pela intersubjetividade, desvelam significados comuns, permitindo a compreensão da estrutura do fenômeno, de sua essência.

Em seguida, é feita a síntese dessas temáticas de modo a revelar uma consistente experiência do sujeito para se chegar à estrutura do fenômeno. Aqui todas as unidades de significado são consideradas ou pelo menos implicitamente contidas na descrição. A partir dessa análise foram interpretados os resultados obtidos em relação à morte no cotidiano da relação aluno professor sob a luz do referencial filosófico de Martin Heidegger, que norteou os significados essenciais apreendidos sobre o fenômeno.

Neste artigo, serão abordadas somente duas das categorias, que são a 'Ter que pensar na morte e vivenciar a angústia do não-ser-mais-aí' e 'Compreender que é necessário discutir a morte na formação do aluno mas, não saber como'.

RESULTADOS

A vivência de vários anos como docente, em contato direto com os alunos em sua primeira experiência prática no campo hospitalar,

tem se revelado como momentos de crise por que passam os alunos e muito especialmente o professor. A necessidade de iniciação técnica, mais do que isso, de uma segurança e habilidade no agir técnico, aliadas ao primeiro contato do aluno com o doente e o seu mundo de dor, sofrimento, solidão e insegurança, se traduzem em uma difícil tarefa para o docente. É encontrar o ponto de equilíbrio entre o ensinar a fazer e o compreender entre o agir e o 'estar-sendo-com' no mundo hospitalar.

Pela própria especialidade desse primeiro estágio, os pacientes selecionados para os alunos são aqueles de maior complexidade, que exigem um maior número de técnicas executadas pela enfermagem. Entretanto, esses mesmos pacientes são os mais graves, os mais expostos a riscos e conseqüentemente os mais expostos à morte. Desse modo, o docente encontra-se na delicada situação de enfrentar a morte do paciente junto ao seu aluno. Enfrentar a morte e todo o mistério que a envolve e tendo a docência como pano de fundo é a questão que tem se posto ao longo desses anos, é o fenômeno que merece desvelamento, um desocultamento para uma melhor compreensão.

No cotidiano docente com o aluno no campo hospitalar, vivenciam-se situações estressantes que envolvem a morte e o morrer. Sente-se que é uma vivência solitária, uma vivência que acontece a cada um dos professores, que se torna um fardo difícil de carregar, mas não impossível de esconder e abafar. Esse ocultamento se manifesta sob a forma da não verbalização, da não discussão. Não falar sobre a morte na relação ensino-aprendizagem é o usual entre os docentes. Essa forma de ocultamento muitas vezes se mostra como uma armadura, uma carapaça de proteção. Mas sente-se também que se revela um empecilho para uma formação mais humanizada, voltada para a compreensão do ser existente no seu mundo.

Compreender essa vivência do professor na sua relação com o aluno, estando a morte envolvida, poderá fornecer subsídios para formular modos de enfrentamento autênticos, que favoreçam uma formação humanista para os profissionais da saúde.

As falas, silêncios, choro e riso foram revelando como os professores vivenciavam a situação, como se percebiam como docentes atuando em uma situação de morte junto ao aluno. Falando da morte e do aluno falavam de si próprios, de seus temores, de seu 'ser-no-mundo' como tal.

A fala que revelou a situação, que permitiu o mostrar-se desses professores abrangeu aspectos diversos, permitindo sua convergência em temas comuns ou categorias. Esses temas comuns ou categorias são agora descritas. O que significa ser docente enfermeiro, vivenciando a morte com o aluno na prática educativa do cotidiano hospitalar?

Ter que pensar na morte e vivenciar a angústia e não-ser-mais-aí

[...] a gente não aceita que é finito, que é mortal, por mais que seja, por mais que a ciência diga não, você é mortal [...].

[...] A gente convive com a morte mas não aceita essa parte de perder. Por mais lógico que seja, por mais entendimento que você tenha da situação, você procura deixar isso meio de lado [...].

[...] A gente finge que a morte não existe, a gente não considera a morte. Porque todos os momentos de morte na vida da gente são muitos difíceis [...].

Em seus discursos, os professores revelam a angústia de pensar a morte, a sua própria morte. Essa é a angústia básica do homem, pertence a sua existência. Não é um temor, já que não tem o caráter de um ente intramundano, ameaçador e cada vez mais próximo.

Com o que a angústia se angustia é vago e indeterminado.

O que caracteriza o referente da angústia é o fato do ameaçador não se encontrar em parte alguma, não se encontrar em nenhum lugar... ele está sempre presente embora em lugar algum. Está tão próximo que sufoca a respiração e no entanto em lugar algum. Aquilo com que a angústia, se

angustia é o nada, que não se revela em parte alguma" (HEIDEGGER, 1995, p. 250).

Por esse caráter vago, indeterminado e por seu parentesco fenomenal com o temor a angústia só pode ser vivenciada por instantes, tendo em vista o desespero que toma conta da pessoa (HEIDEGGER, 1995).

Pensar a própria morte, a própria finitude, o nada, desencadeia essa angústia. Não obstante, o ser-aí é o 'ser-para-a-morte'. Existindo ele já está lançado nessa possibilidade, no poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável (HEIDEGGER, 1993).

O 'ser-para-o' fim pertence de modo essencial ao estar lançado do 'ser-aí'. Não saber, de início e na maior parte das vezes, da morte não pode ser testemunho que o 'ser-para-a-morte' não pertence ao 'ser-aí'. Isto revela que em fugindo o 'ser-aí' encobre para si mesmo, o 'ser-para-a-morte' mais próximo. É existindo que o 'ser-aí' morre, todavia na maior parte das vezes o faça no modo da decadência (HEIDEGGER, 1993).

A angústia que revela o 'ser-para-a-morte' rompe com a familiaridade cotidiana, do "sentir-se em casa" e remete ao estranho. Esse estranho, ameaçador que a angústia da morte abre para o 'ser-aí' é o motivador da procura pelo público, pelo impessoal, no qual a morte aparece como final, fim da vida, fim da jornada.

A morte vem ao encontro como um acontecimento conhecido. que ocorre dentro do mundo. Como tal, ela permanece na não surpresa característica de tudo que vem ao encontro na cotidianidade... algum dia, por fim, também se morre mas, de imediato, não se é atingido pela morte. (HEIDEGGER, 1993, p 30).

Pelas falas dos docentes depreende-se que em sua relação com o aluno frente à morte no cotidiano do hospital ele se encontra em uma encruzilhada. Ao mesmo tempo em que procura trabalhar a morte no impessoal, na publicidade, surpreende-se na angústia frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência (HEIDEGGER, 1993).

Esse estar no meio do caminho, vivenciar a angústia dupla, de angustiar-se com a morte,

com seu ser mais próprio, insuperável e irremissível e de angustiar-se com o seu agir profissional, de como orientar seu aluno para o enfrentamento dessa questão levam o docente a optar de início e na maioria das vezes a um agir desvinculando o sentir do fazer, a um agir desvinculando o viver do existir.

Compreender que é necessário discutir a morte na formação do aluno, mas, não saber como

[...] Acho que deveria continuar abordando esse lado (morte) mas, no estágio é muito difícil abordar [...].

[...] Deveríamos trabalhar a questão da morte durante o estágio, desde o primeiro dia [...].

[...] Os alunos nos cobram isso, pedem para serem preparados para isso [...].

[...] Acho importante trabalhar a questão da morte na formação do profissional. Mas como [...].

[...] Eu não sei se falar sobre a morte... Eu não sei, porque aí você vai cortar a angústia própria do ser. Você pode suavizar, humanizar [...].

O professor de enfermagem sente um profundo desamparo ao enfrentar com seus alunos a morte e o morrer no cotidiano do hospital. Sua fala revela a luta que trava no dia a dia com o intuito de buscar um sentido para o seu agir nessa situação.

Sente a necessidade de abordar o tema, mais do que isso, é cobrado pelos alunos por um preparo para o enfrentamento da morte.

Compreende como necessário trabalhar a questão da morte na formação do enfermeiro, mas deixa claro que não sabe como fazer. Sugere grupos de discussão, a presença de outros profissionais, porém nada sistemático que permita visualizar um caminho de ação. Suas falas deixam transparecer uma ligação entre essa busca e uma necessidade de sensibilização e aprofundamento nas questões ligadas à angústia fundamental do homem, que é a morte (KOVACS, 1991).

Mergulhado nessa angústia, nesse caos de sentimentos, sendo cobrado pelos alunos e

cobrando de si mesmo uma postura frente a essa questão, o docente passa a procurar saídas alternativas. Fala sobre a morte apenas quando ela acontece, rápido e superficialmente, até como modo de proteger a si e ao aluno.

Relata suas experiências como profissional e como aluno em relação à morte no sentido de oferecer um parâmetro de conduta ou de enfrentamento para os discentes.

Todavia essas alternativas não têm se revelado satisfatórias para o docente, como demonstram as falas:

[...] Eu fico preocupada é difícil para mim saber, cada um vai sentir de uma maneira [...].

[...] Eu passo minha experiência, eu não sei a experiência que eles vão ter. Eu não posso prever o futuro [...].

[...] Eles vão adquirir a experiência deles, porque cada um tem seus valores pessoais, crenças e formação ética [...].

Os docentes entrevistados, ao discorrerem sobre a morte na relação ensino-aprendizagem, citaram suas próprias experiências tanto como alunos quanto como enfermeiros ou no exercício do magistério. E essas experiências se revelaram como a principal estratégia de que dispõem para trabalhar a questão da morte com seus alunos.

No entanto, o que se desvela mais propriamente é a sua solidão quando no enfrentamento da morte e do morrer com os seus alunos. Sentem-se na realidade desamparados, sem uma equipe de apoio que dê suporte nesses momentos difíceis que ele atravessa.

[...] É preciso um acompanhamento no dia a dia junto com o professor [...]. Não tem como assim... é a parte da psicologia. Porque foi um... um... foi o primeiro paciente dela. Foi difícil para mim tentar dar essa visão [...]. O médico já mandou tudo as favas, tudo acontece ali, o aluno está massacrado e você tem que trabalhar a morte [...].

O docente nessa situação vai tateando em busca de uma saída, contando com o bom

senso e o equilíbrio emocional que podem estar presentes ou não, dependendo do momento pelo qual está passando.

[...] A questão da morte na relação aluno-professor é uma situação que mexe com a gente. Quando ela aparece, acho que é aí que você se mostra por inteiro, é uma situação difícil da gente se expor [...].

[...] Eu não tenho regra para agir, vai muito do momento, pelo que eu estou passando no momento. Às vezes você chora junto, às vezes você foge, você não quer ficar ali[...].

O sentimento de abandono, a certeza das dificuldades próprias de enfrentar a situação, a responsabilidade do início da formação prática transformam o cotidiano do professor com o aluno no campo de estágio em uma permanente ebulição emocional. Enfrentar ele não sabe como, então procura o atalho da impessoalidade, dos discursos prontos; mas isso também não o satisfaz, pois sente que passou ao largo da questão. O sentimento que

transparece é de angústia, de solidão e de ceptismo em relação ao seu agir nessa circunstância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a morte, que já se revelou uma situação desgastante para o docente, se torna muito mais complicada e angustiante quando seu enfrentamento se dá sem o respaldo de outros profissionais da área.

O professor fica “perdido”, procura saída na impessoalidade, mas ao mesmo tempo se questiona se esta é a solução mais adequada. Parece que tateia na escuridão, se esquia, esbarra, desvia, mas não consegue lançar um olhar cuidadoso que permita apreender o existir humano em sua totalidade e, desse modo pensar as questões de vida e morte, porque elas são intimamente articuladas. O docente compreende a urgência de discutir, de refletir a questão da morte na formação do enfermeiro, sugere algumas estratégias, todavia nada sistematizado que lhe possibilite perceber um caminho efetivo de ação.

DEATH EXPERIENCE AND THE STUDENTS IN THE EDUCATIONAL PRACTICE

ABSTRACT

Investigating death, which is part of the human existence, in the educational context of the health area, may become a moment to humanize the educational process and propitiate an authentic, critical, unusual and creative act in the nursing actions. It was with the perspective of understanding death in the quotidian of the nursing student-professor relationship that I listened to the professors for, through their discourses, to capture the meanings to make possible the unveiling of this phenomenon. All the professors of the Fundamentals of Nursing II of the State University of Maringá-Pr, were interviewed. This choice is due to the fact that it is through this discipline that the students get in touch, for the first time, with the hospital world and its routine, with the pain, the suffering and the death. The obtaining of the speeches, seeking the phenomenon to be unveiled was orientated by the target question: *What is the meaning for you to witness death in the quotidian of the student-teacher relationship?* The phenomenon was revealed to be a lonely experience, an experience that happens to each one of us professors. It becomes a burden difficult to carry but easy to hide and/or suffocate. That hiding is expressed under the form of no verbalization, and no discussion about it. No talking about death in the teaching-learning relationship is very common among professors. That hiding form, most of the times is shown as armor, a protection shell. But, it is also shown as an obstacle for a more humanized formation, the one directed towards a better understanding of human nature and its world.

Key words: Death. Student-teacher relationship. Teaching.

VIVENCIA DE LA MUERTE CON EL ALUMNO EN LA PRÁCTICA EDUCATIVA

RESUMEN

Investigar la muerte, parte de la existencia humana, en el contexto de la educación en la área de la salud, puede constituir un momento de humanizar el proceso educativo y propiciar un actuar auténtico, crítico, no rutinario y creativo en las acciones de enfermería.

Es en esta perspectiva de comprensión de la muerte en el cotidiano de la relación alumno profesor de enfermería, que oí a los profesores para, a través de sus discursos, de sus conversaciones, captar los significados que posibiliten el desvelamiento de este fenómeno. Fueron entrevistados todos los profesores de la Asignatura de Fundamentos de Enfermería II de la Universidad Estadual de Maringá, PR. Esta elección se debe al hecho de que es a través de esta disciplina que el alumno entra pela primera vez en contacto con o mundo do hospital y con su cotidiano, el dolor, el sufrimiento y la muerte. La obtención de los discursos, visando al fenómeno a ser desvelado fue orientada por la cuestión norteadora: Lo que significa para usted vivenciar la muerte en el cotidiano de la relación alumno-profesor. El fenómeno reveló una vivencia solitaria, una vivencia que acontece a cada uno de nosotros profesores, que se torna un fardo difícil de suportar, pero no imposible de esconder e encubrir. Ese ocultamiento se manifiesta sobre la forma de la no verbalización, de la no discusión. No hablar sobre la muerte en la relación enseñanza-aprendizaje es común entre los docentes. Esa forma de ocultamiento muchas veces se muestra como una armadura, un carapazón de protección. Incluso también, se revela uno obstáculo para una formación más humanizada, en dirección a la comprensión del ser existente en su mundo.

Palabras Clave: Muerte. Relación alumno-profesor. Enseñanza.

REFERÊNCIAS

BOEMER, M. R. et al. O tema da morte: uma proposta de educação. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 26-32, jan.1991.

CARVALHO, A. S. **Metodologia da entrevista:** uma abordagem fenomenológica. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p. 32-67.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Parte I. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 243-300.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Parte II. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 15-51.

KOVACS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 28-47.

MARTINS, J; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes /Educ, 1989. p. 10-110.

ZAIDHAFT, S. **Morte e formação médica.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 12-25.

Endereço para correspondência: Maria Dalva de Barros Carvalho. Endereço. UEM. Av. Colombo, 5790. CEP: 87045-300. Maringá – PR. E-mail: mdbcarvalho@uem.br.